

História do karatê no sertão da região Nordeste do Brasil: memória dos mestres do Vale do São Francisco

History of karate in the hinterland of the Northeast of Brazil: memory of the masters of the São Francisco Valley

Pedro Augusto Pereira Lago Filho¹, George Almeida Lima², Heraldo Simões Ferreira³, Alvaro Rego Millen Neto⁴

Como citar esse artigo. LAGO FILHO, P. A. P. LIMA, G. A. FERREIRA, H. S. MILLEN NETO, A. R. História do Karatê no sertão da região nordeste do Brasil: memória dos mestres do Vale do São Francisco. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 15, n. 1, Edição Especial, p. 51-64, jan./abr. 2024.

Resumo

O estudo objetiva construir uma narrativa sobre a história do karatê no Vale do São Francisco, na região Nordeste do Brasil. Partindo, sobretudo, da memória dos mestres, buscou compreender os contextos sociais, as características e estilos de karatê, as possibilidades de sobrevivência, as disputas e organizações sociais e o legado deixado pelos pioneiros. Utilizamos a História Oral como aporte metodológico, associada à exposição e análise de documentos iconográficos. As fontes acessadas nos permitem as seguintes considerações: os estilos de karatê prevalentes na região estudada são o shotokan e o shorin ryu; entre o final da década de 1970 e o início da década de 1990, o karatê dominou o mercado das artes marciais da região, deixando um legado esportivo e social em seus praticantes e colaboradores. Atualmente, o legado deixado pelos mestres pioneiros que foram citados ao longo do estudo tem permitido uma série de ações que são relevantes do ponto de vista social, econômico e cultural.

Palavras-chave: Artes Marciais; História Oral; Karatê; Petrolina; Esporte; Memória.



Abstract

The study aims to build a narrative about the history of karate in the São Francisco Valley, in the Northeast region of Brazil. Starting, above all, from the memory of the masters, the study sought to understand the social contexts, the characteristics and styles of karate, the possibilities of survival, the disputes and social organizations and the legacy left by the pioneers. We use Oral History as the methodology, associated with the exhibition and analysis of ichnographic documents. The sources accessed allow us to consider that the karate styles prevalent in the region are shotokan and shorin ryu; between the end of the 1970s and the beginning of the 1990s, karate dominated the martial arts market in the region, leaving a sporting and social legacy on its practitioners and collaborators. Currently, the legacy left by the pioneering masters mentioned throughout the study has allowed a series of actions that are relevant from a social, economic and cultural point of view.

Keywords: Martial Arts; Oral History; Karate; Petrolina; Sport; Memory.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Introdução

O karatê é uma manifestação cultural oriunda do extremo oriente, desenvolvida em um arquipélago situado na região conhecida como Okinawa. Como essa região fica em uma posição geográfica que lhe dá proximidade tanto do arquipélago que constitui o restante do Japão, quanto da parte continental do leste da Ásia, suas influências culturais também foram constituídas a partir de traços dessas culturas continentais, especialmente as provenientes da China. Nesse sentido, há indícios de que o desenvolvimento do karatê sofreu influências de artes marciais oriundas da China, sobretudo de modalidades conhecidas como kung-

Afiliação dos autores:

¹Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, (UNIVASF/PE), Petrolina, PE, Brasil.

²Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF/PE). Professor de Educação Física da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE), Campos Sales, CE, Brasil.

³Doutor em Saúde Coletiva (UECE). Mestre em Educação em Saúde (UNIFOR). Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil

⁴Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Professor Adjunto do Colegiado Acadêmico de Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina, PE, Brasil

Email de correspondência: george_almeida.lima@hotmail.com

Recebido em: 28/03/2024. Aceito em: 07/06/2024

fu ou wushu (BARTOLO, 2014; FROSI, 2012).

Ainda em acordo com Frosi (2012), a influência sofrida pelo karatê perpassa o campo das artes marciais, repercutindo em processos sociais pautados na luta de classes. Os elementos socioculturais, políticos e econômicos desse povo pautavam-se em um sistema social parecido com os feudos medievais europeus. Nesse sistema, os integrantes das classes populares, compostas majoritariamente por lavradores conhecidos como *heimin*, eram obrigados a repassar grande parte do que produziam para as classes mais altas, os senhores da terra. Ratti e Westbrook (2006) relatam que, no sistema social da época, muitos foram os camponeses que partiram para o trabalho na lavoura e, após um dia estafante de trabalho, retornaram apenas para encontrar suas casas incendiadas e suas famílias mutiladas e empaladas sob o sol poente das ilhas do *Ryūkyū*, o castigo governamental pela inadimplência.

Como o porte de armas pela população comum era proibido pelos governantes, os lavradores passaram a desenvolver sistemas de defesa pessoal que foram chamados de *te*. No transcorrer desse processo, diversas revoltas camponesas foram desenvolvidas contra a classe samurai conhecida como *peichin*. Durante essas revoltas, os guerreiros *peichin* se apossaram das técnicas do *te* e, como também tinham contato com marinheiros militares oriundos da China, começaram a associá-las técnicas de lutas provenientes de culturas continentais (LAGE; GONÇALVES JUNIOR, 2007). Esse processo de aculturação entre as tradições dos *heimin*, dos *peichin* e dos estilos marciais chineses *nei-jia* e *wai-jia* foi, muito provavelmente, o molde daquilo que durante a Dinastia *Shō* (na passagem do século XV para o XVI) veio a se tornar conhecido, posteriormente, como karatê de Okinawa (FROSI; MAZO, 2011)

Com a abertura político-cultural vivenciada pelo Japão a partir de meados do século XIX, aliada ao avançado estágio de desenvolvimento dos sistemas *te*, alguns eméritos mestres dessas modalidades de defesa com as mãos vazias passaram a levar seus conhecimentos de Okinawa para o Japão. Nesse momento, esses conhecimentos passaram a ser conhecidos como karatê-dô, ou o caminho das mãos vazias, e assumiram novas disposições, pautadas especialmente, em códigos de moralidade baseados nas tradições nipônicas (BARREIRA, 2013; FROSI; MAZO, 2011).

Segundo Frosi (2012), com o fim da Segunda Guerra Mundial, e a decorrente desestabilização de um país que foi seriamente afetado pelas consequências da guerra, houve um aumento do fluxo migratório do Japão para a Europa e para a América. Nesse contexto, vários mestres japoneses de karatê compuseram essa massa de imigrantes e consigo levaram a arte das mãos vazias para fazer parte, em definitivo, de uma cultura global.

Frosi e Mazo (2011) destacam que, desde os seus primórdios, o karatê não era uma manifestação cultural simples e unificada; foi o imbricamento entre o karatê e uma complexa rede de elementos socioculturais e estilos de artes marciais distintas que desencadeou a resignificação do karatê a partir de estilos de luta específicos. Esse processo de globalização cultural fomentou o desenvolvimento de estilos peculiares que foram moldados por elementos socioculturais diferentes, como os estilos *shotokan*, o *goju ryu*, o *shito ryu* e o *wado ryu*. Numa visão geral, o karatê é permeado por diversos tipos de estilos e ênfases, que são preconizados dentro de cada *dojo*¹. Nessa perspectiva, não podemos pensar em um só karatê, o mais correto ou o verdadeiro, mas em uma vasta gama de estilos de karatê que considera as percepções e disposições de agrupamentos socioculturais específicos.

A partir do exposto, Lage e Gonçalves Júnior (2007) apresentam que a introdução do karatê no Brasil constitui um processo histórico que, como qualquer outro, foi e continua sendo alvo de disputas e contestações. Como houve um processo migratório especial entre Brasil e Japão, fruto de um acordo governamental, já no início do século XX o Brasil começou a receber imigrantes japoneses – o primeiro navio que fez esse deslocamento populacional desembarcou no porto da cidade paulista de Santos em 1908. Há indícios de que o karatê desembarcou em solo brasileiro junto com os primeiros imigrantes japoneses, décadas antes da supracitada imigração do pós-guerra.

Viana (1996) considera que existem ao menos duas versões significativamente difundidas sobre a introdução oficial do karatê no Brasil. Uma imputa o pioneirismo a Mitsuke Harada, que teria aberto sua

1 Local de treinos de karatê

primeira academia de karatê em São Paulo, na década de 1950. A outra versão credita o protagonismo a Yasutana Tanaka, que se fixou na então capital federal, o município do Rio de Janeiro, e, a partir de lá, seus alunos teriam disseminado o karatê para outros estados brasileiros, como a Bahia, o Rio Grande do Sul e o Pará (ALVES; FARO, 2012; COSTA, 2021)

Essas divergências das narrativas históricas ou da memória social – seguindo a perspectiva de Pollak (1989) – denotam uma disputa por fazer valer a memória coletiva da maioria. A maioria, nesse caso, não seria necessariamente retratada pelo coletivo numérico, mas sim pelo coletivo detentor do maior número de cotas de poder social. A memória e a história não são, e não poderiam ser, neutras. Há disputas de poder para destacar, ou para obliterar, figuras e fatos.

Destarte, o desenvolvimento do karatê, para além dos elementos tradicionais que subscrevem essa prática, sofre influências de fatores sociais, políticos, econômicos e tecnológicos que consideram as intersubjetividades de indivíduos e grupos sociais específicos. A partir desses pressupostos, pretendemos descrever como ocorreu o processo de introdução e de sistematização do karatê no Vale do São Francisco, região situada no sertão da região Nordeste do Brasil.

Por conseguinte, este estudo tem como objetivo a construção de uma narrativa histórica contada pelos(as) mestres(as), professores(as) e praticantes da arte, buscando apresentar subsídios para reflexões sobre as dinâmicas que envolveram a origem do karatê na região do Vale do São Francisco. Para tal, buscou-se compreender os contextos sociais, as características e estilos de karatê, as possibilidades de sobrevivência propiciadas pelo mercado do karatê, as disputas e organizações decorrentes desse mercado e o legado deixado pelos homens e mulheres que resolveram adotar o karatê como um meio de vida e princípio filosófico na região.

Procedimentos Metodológicos

O estudo se configura como uma pesquisa de natureza qualitativa que buscou descrever, compreender e interpretar significados e perspectivas de determinados grupos sociais nos tempos e nos espaços situacionais delimitados. Seguindo essa direção, o estudo se circunscreve aos pressupostos interpretativos e analíticos provenientes dos fatos e fenômenos que fazem parte das particularidades do escopo da pesquisa, a história do karatê no Vale do São Francisco.

Enquanto recurso metodológico, privilegiamos a História Oral, que, segundo Pathai (2010), permite dar voz a grupos sociais específicos a partir da apresentação de suas histórias. Essa dinâmica permite a ampliação das percepções sobre fatos históricos, estimulando questionamentos e reflexões que intensifiquem as discussões sobre determinadas construções socioculturais.

As fontes que subsidiaram a narrativa histórica contida neste artigo provêm de entrevistas realizadas com cinco professores e uma professora de karatê que atuam ou atuaram na região do Vale do São Francisco. Além disso, foram coletados documentos iconográficos que contribuíram para estruturar as narrativas. Destacamos que os pesquisadores buscaram estimular as falas dos professores e da professora, a fim de aprofundar as reflexões sobre o fenômeno em tela. As entrevistas foram realizadas no ano de 2016 em academias e nas residências dos entrevistados.

Para a seleção dos participantes e da participante, visitamos uma academia de karatê em Petrolina/PE, cidade situada na referida região, ocasião em que entrevistamos um primeiro professor. A partir de sua indicação, fomos encontrando os demais professores e a professora. O recrutamento dessa população foi realizado por indicação contínua, especialmente para conseguirmos recrutar os mestres responsáveis pela implementação do karatê na região estudada. A própria descrição da história de cada mestre nos forneceu um mestre mais antigo, aquele que foi mestre do mestre então entrevistado. Assim conseguimos chegar às gerações mais antigas.

As entrevistas foram transcritas e inseridas em uma planilha analítica do programa *Excel*, a fim de serem submetidas a uma análise temática, que, segundo Braun e Clarke (2006), consolida-se a partir de

seis etapas, a saber: (a) familiarização dos dados, (b) geração de códigos iniciais, (c) busca por temas, (d) revisão dos temas, (e) definição e denominação dos temas e (f) produção do relatório final. A utilização desse tipo de análise se configura pela sua capacidade de interpretar temas em conjuntos textuais.

Os cinco professores e a professora concordaram em participar deste estudo e assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Vale do São Francisco com o CAAE de número 1191315.8.0000.5196 e o parecer de aprovação 949.936. A fim de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, foram definidos os seguintes nomes fictícios para se referir a eles: Tiago, André, Felipe, Mateus, Tomé e Maria.

Resultados e Discussão

Os dados foram organizados em duas categorias: (i) Reflexões sobre o desenvolvimento do karatê no Vale do São Francisco e (ii) Os impactos do karatê na vida dos praticantes. O quadro 1 apresenta informações sobre os professores e a professora.

Quadro 1. Dados dos professores e da professora.

Nome	Local de nascimento	Primeira arte marcial praticada	Primeiro estilo de karatê
Tiago	Feira de Santana/BA	capoeira	shotokan
André	Petrolina/PE	karatê	shorin Ryu
Felipe	Jaboatão dos Guararapes/PE	karatê	shorin Ryu
Mateus	Juazeiro/BA	reprodução de movimentos de filmes de kung fu	shorin Ryu
Tomé	Caracol/PI	luta livre	shocukaia e shotokan
Maria	Petrolina/PE	karatê	shotokan

Fonte: elaboração dos autores (2024).

Reflexões sobre o desenvolvimento do karatê no Vale do São Francisco

Em relação aos primeiros contatos dos professores e da professora com as artes marciais, percebemos que a professora e dois professores já iniciaram no karatê. Esse fato amplia o desenvolvimento dos praticantes na respectiva prática corporal, uma vez que a ampla vivência dessa arte propicia maiores possibilidades de desenvolver competências que envolvem as dinâmicas da prática do karatê. Frozi e Mazo (2011) destacam que o estilo *shotokan* é o mais difundido e consolidado no Brasil, fato que pode ser evidenciado neste estudo, pois há um maior número de praticantes cujo primeiro estilo de karatê praticado foi o *shotokan*. Todavia, o *shorin ryu* foi o primeiro estilo de dois professores. Desse modo, embora o *shotokan* seja um estilo com maior difusão, outros estilos fizeram parte do constructo do karatê na região do Vale do São Francisco.

Podemos perceber que três professores são provenientes de outras regiões do Nordeste do Brasil e três nasceram e se criaram na região do Vale do São Francisco. A proximidade dos dois professores e da professora com essa região do Brasil pode desencadear maiores conhecimentos sobre os elementos

políticos, sociais e econômicos, possibilitando o desenvolvimento de dinâmicas que contribuam para o fomento do karatê nesse território.

O karatê chegou ao sertão do Vale do São Francisco entre as décadas de 1960 e 1970. Há controvérsias sobre quem de fato inseriu essa arte marcial na região. As histórias a esse respeito são contraditórias e não dizem respeito propriamente ao período em que o karatê chegou à região, mas ao que se pode chamar de karatê. Em alguma medida, três mestres disputam – atualmente essa disputa ocorre de forma respeitosa e relativamente velada – o pioneirismo pelo ensino do karatê na região: Tiago, Romário e Tomé.

O mestre Tiago destaca que, quando chegou na região, só existia uma academia de judô e o Tomé. O mestre Tiago destaca que Tomé, ao apresentar suas técnicas, utilizava a nomenclatura de karatê, mas na realidade praticava uma luta livre, pois sua prática não tinha a sistematização do karatê. O professor André destaca que Tiago e Romário trouxeram o karatê para Petrolina/PE, e que cada professor desenvolveu a arte de acordo com suas percepções.

O professor Felipe destaca que não tem um amplo conhecimento sobre o assunto, mas pelo que sabe, o mestre Tiago foi o precursor do karatê na região. O professor Mateus salienta que a primeira pessoa que praticou o karatê na região foi o professor Tomé. Todavia, Mateus assevera que Tomé, na verdade, era um praticante de luta livre e como o karatê estava em expansão, Tomé se intitulou como professor de karatê. Mateus também destaca que o professor Tiago foi a primeira pessoa a ministrar aulas de karatê de maneira sistematizada, sendo realmente um “faixa preta” da arte (expressão que destaca o professor como detentor de uma formação oficialmente reconhecida). Desse modo, Mateus apresenta duas versões sobre o desenvolvimento do karatê no Vale do São Francisco.

A professora Maria destaca que o *sensei*² Romário foi um dos precursores da chegada do karatê na região. A prática e formação ainda eram muito precárias, porém, com a entrada do *sensei* na Polícia Militar da Bahia (em meados da década de 1970), a formação dele como karateca³ alcança o ápice. O fato de ele ter contato com outros karatecas de renome, como os membros da família Caribé (creditados como precursores do karatê no Brasil) e com o *sensei* Yoshizo Machida, que ministravam aulas no 3º Batalhão de Polícia Militar da região e nas cidades baianas da redondeza (Senhor do Bonfim, Jacobina etc.) contribuiu para essa evolução. A professora também apresenta que o *sensei* Tiago, na década de 1970, também trouxe outro estilo de karatê para a região, o *shorin ryu*.

O mestre Tomé, por sua vez, destaca que migrou do sertão nordestino para São Paulo na década de 1950 e conheceu o karatê quando trabalhou em uma grande lavoura na qual também trabalhavam imigrantes japoneses. Ainda em São Paulo, Tomé aprendeu outras técnicas de luta, notadamente o boxe (há informações de que ele chegou a participar de treinamentos com o campeão mundial Éder Jofre) e a luta livre, e acabou por tornar-se um lutador profissional.

Em sua trajetória profissional, se destacam as numerosas vitórias no boxe e também nas lutas conhecidas como vale-tudo. Como as condições de sobrevivência como lutador profissional em São Paulo não iam bem, e com as notícias do crescimento e desenvolvimento da cidade pernambucana de Petrolina, Tomé foi um dos pioneiros de um fluxo migratório que atualmente tem crescido – o retorno de imigrantes nordestinos para a sua região de origem.

Voltando ao sertão, ele se apropriou de um discurso que se valia do termo karatê para englobar, de forma genérica, as diferentes técnicas de lutas então ensinadas por ele. Como o karatê era uma arte marcial com um mercado em ascensão (a indústria cultural, em especial a cinematográfica, em muito contribuiu para isso), a generalização era propícia e, de certo modo, uma estratégia de *marketing*.

A seguir, serão apresentados alguns documentos icnográficos, encontrados em pesquisa realizada na *internet*, cujas datas não podem ser atestadas.

Na imagem 01, apresentamos Tomé aplicando um golpe em uma luta na cidade de Petrolina/PE.

2 *Sensei* significa professor em japonês. No karatê, o termo é utilizado para se referir, respeitosamente, a um professor dessa modalidade, com a graduação de faixa preta.

3 Praticante de karatê.

Trata-se possivelmente de um combate de vale-tudo, pois, apesar de estarem utilizando luvas de pugilismo, não há padronização nas vestimentas. Tomé se apresenta com um calção curto e seu adversário veste-se com uma calça de quimono. Na imagem 02, apresentamos Tomé em uma demonstração de karatê em Petrolina/PE. Ao aplicar um golpe de grande plasticidade, ele está vestido com um *kimono* utilizado no karatê e está usando uma faixa. Pelas características da imagem, podemos perceber que se trata de uma exibição ou uma fotografia com fins de divulgação.



Imagem 01. luta de Tomé em Petrolina/PE.

Fonte: Globo Esporte (2015).



Imagem 02. apresentação de Tomé em Petrolina/PE.

Fonte: Globo Esporte (2015).

Tomé não apresentou documentos específicos que comprovassem sua graduação no karatê. Desse

modo, podemos perceber que embora Tomé provavelmente não tenha desenvolvido o karatê de maneira sistematizada, trouxe contribuições para a ampliação da visibilidade das práticas corporais de combate para a região do Vale do São Francisco.

Ainda tivemos referências a um mestre importante para a introdução do karatê na região, que não seguiu a lógica migratória daqueles que vieram para o sertão atrás de oportunidades e sonhos. O mestre Romário não começou sua prática com as artes marciais como um praticante de karatê. Ele teve seus primeiros contatos com as lutas através do boxe e do judô, destacando-se na região pela participação em competições de vale-tudo no início da década de 1970. Ainda na década de 1970, ele passa a ter contato com karatê através de estudos feitos por livros e por professores que passaram pela região, montando assim, um *dojo* na cidade baiana de Juazeiro.

Destaca-se que, de maneira sistematizada, o karatê chegou ao sertão do São Francisco com o mestre Tiago, no ano de 1976 e teve seu ápice (em termos de número de academias e praticantes) na década de 1980. Mestre Tiago emigrou, ainda jovem, da cidade baiana de Feira de Santana/BA apostando no sonho de poder viver do karatê na afastada e promissora cidade sertaneja de Petrolina/PE. Após um início de muitas provações e poucos alunos, ele pôde concretizar as suas metas e fez sua vida a partir do karatê. A imagem 03 comprova a graduação do mestre Tiago, que adquiriu o 2° Dan⁴ no estilo *shorin ryu* de karatê no ano de 1983, fato que comprova o desenvolvimento gradual de Tiago na hierarquia das graduações do karatê. A imagem 04 apresenta um exame de graduação organizado pelo professor Tiago⁵.



Imagem 03. diploma de Tiago.

Fonte: Acervo pessoal do participante (2024).

4 Segundo nível de graduação após alcançar a faixa preta.

5 O professor Pedrão está em pé do lado esquerdo da foto.



Imagem 04. exame de graduação coordenado pelo mestre Tiago.

Fonte: Acervo pessoal do participante (2024).

Essa última foto nos permite inferir que o professor Tiago organizava eventos de graduação para alunos e alunas da região, contribuindo para o desenvolvimento do karatê. O fato de Tiago ser filiado a federações e organizar eventos específicos, deu maior credibilidade ao karatê, fortalecendo essa prática na região.

Embora possamos verificar dissonâncias relacionadas sobre quem foi o precursor do karatê na região do Vale do São Francisco, podemos perceber que dois professores (Tomé e Romário) iniciaram sua prática de maneira genérica, tendo como base o vale-tudo; mas ambos colaboraram no sentido de ampliar a visibilidade das artes marciais na região. O professor Tiago foi quem trouxe para a região do Vale do São Francisco a prática sistematizada do karatê, sendo comprovadamente, dentre os três professores indicados como possíveis precursores do karatê na região, o único com faixa preta de karatê conferida por uma federação esportiva.

Os impactos do karatê na vida dos praticantes

Ao questionarmos sobre os estilos de karatê que os professores e a professora praticaram. Os participantes e a participante da pesquisa afirmaram que:

Quando eu iniciei eu não conhecia nada do karatê, mas era o *shotokan*, e depois conheci o professor Shinzato e através de um curso que teve em Feira de Santana com o professor (Sakai Nakayson) aí todo mundo mudou para *shorin ryu*, e estamos até hoje nesse estilo (TIAGO).

Eu iniciei no karatê *shotokan*, porque meu professor também era *shotokan*. Não precisa de muito motivo, naquela época aqui tinha dois professores, que pra mim foram os precursores do karatê em Petrolina, o professor Tiago [...] e o meu tio Romário. Aí, lógico, por ser meu tio né, eu optei pelo estilo *shotokan* (ANDRÉ).

O início foi com o *sensei* Tiago, que me convidou. Até então eu não tinha noção de quantos estilos existiam. Eu só conhecia o karatê, o que se falava em novela, filme, documentário era o karatê. Aí fui me aprofundando mais a respeito. aí eu conheci um pouco da história

do *shorin*, *shorin ryu*, que é estilo que eu tô praticando (FELIPE).

O único estilo que eu pratiquei foi o estilo chamado *shorin ryu*. E assim... eu entrei muito jovem, não sabia que existiam outros estilos diferentes, não foi uma questão de opção, foi o que me foi colocado a fazer (MATEUS).

O *shocukaia* e o *shotokan*, esse outro era mais fácil de aprender, o outro era mais difícil, era só formas e mão no fogo e na água quente, pisando em cima de brasa. O cabra tinha que ser forte (TOMÉ).

O estilo que pratico é o *shotokan*. Na verdade, não foi exatamente uma opção, apenas segui a mesma linha de treinamento do meu pai (MARIA).

A partir dos relatos apresentados, podemos perceber que vários professores não conheciam os diversos estilos de karatê. Eles se restringiam a determinados estilos que eram transmitidos de maneira prática, sem grandes sistematizações. Outro aspecto que considera a adoção de um estilo é a tradicionalidade e ancestralidade dos praticantes, como retrata a professora Maria, que praticou o karatê *shotokan* para seguir a mesma linha do seu pai. Os professores entrevistados possuem ligações entre si, como a exemplo do professor Felipe, que foi aluno do professor Tiago, seguindo assim, o mesmo estilo de prática.

Destacamos que, a partir da apropriação de diversos grupos sociais, a prática do karatê é ressignificada, considerando-se as codificações e as simbologias peculiares que os grupos apresentam. Nesse ínterim, Frosi e Mazo (2011) destacam que atualmente existem mais de 60 estilos de karatê no mundo. Muitos surgiram em Okinawa e outros no Japão.

Apesar de existir uma multiplicidade de sentidos, significados e sistematizações sobre o karatê, a *World Karate Federation* (WKF), uma das maiores organizações internacionais no trato do karatê, reconhece, em suas competições, apenas quatro estilos, a saber: (i) *gōjū-ryū*, (ii) *shitō-ryū*, (iii) *shōtōkan-ryū* e (iv) *wadō-ryū*, os quais são reconhecidos no Japão como os “quatro grandes estilos” (STEVENS, 2005). A WKF é uma instituição reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como uma entidade organizadora do karatê.

Frosi e Mazo (2011) destacam que a redução do número de estilos aceitos pela WKF contribui para o silenciamento das demais formas de apropriação do karatê. Desse modo, a prática do karatê está centrada no estilo *shotokan*, ampliando-se, no máximo, para estilos mais contemporâneos como o *gōjū ryū* e *shitō ryū*. A grande visibilidade midiática e acadêmica de Gichin Funakoshi, considerado o pai do karatê moderno, deu poder e engendrou o desenvolvimento do estilo *shotokan*, uma vez que esse era o estilo propagado pelo antigo mestre.

Desse modo, podemos perceber que a professora e três professores iniciaram a prática do karatê a partir do estilo *shotokan*, aspecto que reflete a ampla divulgação do estilo no Brasil e no mundo. Os professores tinham ciência da existência de outros estilos, todavia, o baixo nível de desenvolvimento tecnológico e a ênfase na oralidade como meio de propagação dos conhecimentos foram elementos que inviabilizaram o estabelecimento de relações dos professores com os demais estilos durante seus primeiros contatos com a modalidade.

Ao serem questionados sobre as motivações dos professores e da professora a participarem do karatê, Tiago destacou que a prática do karatê contribui para a formação do caráter, responsabilidade e requer muita humildade dos praticantes. A prática também desenvolve habilidades motoras, aumentando o nível das técnicas, fato que motiva os praticantes e os impulsiona para novos desafios. André, por sua vez, assevera que prosseguiu no karatê em função de sua curiosidade para buscar novos objetivos e perspectivas, e o karatê permite que se busque sempre mais.

Felipe considera o enfrentamento das pressões do meio externo como fator que o fez permanecer no karatê. O professor salienta que os praticantes de karatê desenvolvem habilidades que os permitem

realizar as ações diárias de maneira efetiva. Mateus, por sua vez, considera que o karatê possui uma didática que permite que as pessoas sempre busquem algo mais, pois a cada troca de faixa novos objetivos são apresentados.

Tomé nos informa que o principal motivo para sua inserção no karatê está ligado à busca pela defesa pessoal. O professor ressalta que havia muita violência na época e, por isso, a defesa pessoal era algo fundamental. Já Maria afirma que sua inserção no karatê se deu muito mais por curiosidade do que por necessidade. O fato de seu pai ser professor de karatê a influenciou a se inserir nessa prática.

Destacamos que as percepções sobre a motivação para a inserção, permanência e retirada do karatê são subjetivas e consideram elementos psicossociais, econômicos e culturais dos indivíduos. Com reforço, Grunwald (2021), ao aplicar questionários a professores faixas pretas dos municípios de Lajedo/RS e Estrela/RS, identificou alguns fatores que impactam na permanência dos professores no karatê, como: (i) defesa pessoal, (ii) influência de amigos, (iii) busca pela saúde, (iv) influência de filmes e (v) socialização. Neves *et al.* (2009) apresentam que a socialização entre os pares se configura como o principal elemento para a motivação dos alunos nas aulas de karatê.

Considerando a importância do karatê na vida dos professores e da professora, questionamos sobre a escolha do ensino do karatê como profissão. O professor Tiago destacou que começou a dar aula aos 16 anos, no município de Itabuna/BA. As primeiras experiências aconteceram quando o professor titular da academia precisava viajar e Tiago ficava tomando conta da academia. O fato de Tiago sempre se esforçar e ter aptidão para a prática do karatê desencadeou em sua escolha para auxiliar o professor titular da academia. Esse foi o primeiro contato de Tiago com o ensino do karatê.

André aponta que aos 21 anos de idade se formou faixa preta de karatê em Salvador/BA. A partir desse momento o professor percebeu que podia levar o karatê como profissão. Ele destaca que o karatê tem várias possibilidades de trabalho: como árbitro, técnico, atleta, ministrar cursos de *kata*⁶ e de *kumite*⁷. *A partir desse momento, o professor intensificou sua formação, estudando sobre o karatê.*

Felipe salienta que ter o karatê como profissão não foi uma escolha, mas uma imposição social. Com a baixa condição financeira da família, em 1995, em busca de melhores condições, chegou a dormir em uma praça em Petrolina/PE. Todavia, conheceu um amigo que era guarda municipal e o convidou para ficar em sua casa. O professor destaca que esse fato fez com que ele pudesse perceber o karatê como um recurso para mudar de vida. Desse modo, adentrou na arte e buscou seu desenvolvimento físico, econômico e social.

Mateus salienta que não vive exclusivamente do karatê e que não acha fácil manter-se financeiramente apenas com essa atividade. Todavia, o professor atribui ao karatê a sua formação acadêmica (Licenciatura em Educação Física). Segundo o professor, se não fosse a vivência do karatê ele não teria se formado. A professora Maria destaca que o karatê não é sua principal profissão. Ela atua como professora objetivando manter o legado de seu pai.

A escolha do karatê como profissão está associada ao nível de motivação e permanência no início da inserção na modalidade. Lima e Maia (2021) destacam que as artes marciais possuem um código interno que perpassa o domínio de técnicas corporais, ancorando-se em pressupostos filosóficos, éticos e morais que, quando são apropriados pelos praticantes, impactam seu comportamento.

Com reforço, Lage e Gonçalves Júnior (2007), ao realizarem entrevistas com 10 senseis de karatê, destacam que todos compreendem o karatê como uma prática referente à sua própria vida, estando ligado à sua própria existência e formação da personalidade, suplantando a ideia de técnicas corporais como um fim em si mesmas. Os professores também apresentam a ideia de transversalização entre corpo, mente e espírito, aderindo às percepções filosóficas incutidas no karatê.

Embora possamos compreender que a escolha do karatê como profissão seja um movimento que envolve diversos fatores, novas tensões estão emergindo sobre esse processo. O Conselho Federal

6 Luta imaginária contra oponentes fictícios.

7 Combate entre dois oponentes.

de Educação Física (CONFED) vem ampliando seu território de fiscalização, acarretando na busca pela qualificação profissional dos professores, tendo em vista que muitos não são formados em Educação Física. Todavia, o CONFED poderia ampliar os estímulos à realização de cursos pelas instituições de ensino superior, em convênios com as federações de artes marciais (GONÇALVES JÚNIOR; DRIGO, 2001; FERREIRA; LIMA, 2024).

Ao serem questionados sobre os principais desafios enfrentados pela docência no karatê, Tiago salientou que o desafio foi sempre o número de alunos. O karatê foi pouco divulgado em alguns períodos e a dificuldade era financeira. André destaca que a baixa estrutura que a região oferece é o principal empecilho. O professor destaca que não tem patrocínios para atletas e que muitos atletas de alto rendimento, com grande potencial, já deixaram de participar de eventos em função das baixas condições financeiras. Também se destaca que a região deveria ter um centro de esporte; um centro só de arte marcial, não importa se é judô, se é karatê, mas um centro só para artes marciais.

O professor Felipe, por sua vez, assevera que a falta de reconhecimento é a principal dificuldade enfrentada. Para ele, professores de disciplinas específicas, como Física, Matemática e Português, possuem maior valorização na sociedade. A Educação Física, disciplina na qual o professor é formado, ou o karatê, em sua percepção, não possuem grande valorização, e isso contribui para que os próprios alunos desvalorizem essas disciplinas.

Mateus apresenta uma visão mais filosófica da questão. O professor salienta que os desafios são diários. Estão na troca de faixa, nos combates, nas relações entre as pessoas. Entretanto, o karatê possui uma filosofia que permite com que os praticantes sempre busquem se desenvolver da melhor maneira possível, sem pensar em desistir.

Tomé destaca que o principal desafio foi passar para os alunos os princípios filosóficos do karatê, buscando diminuir as brigas de rua e a violência entre as pessoas. O professor destaca que nas décadas em que o karatê foi inserido na região, os alunos tinham muito orgulho e muitas vezes agiam com violência para resolver seus problemas. Maria assevera que o principal desafio tem sido acreditar que pode manter o *dojo* com as mesmas referências que seu *sensei* construiu.

A partir das falas dos professores e da professora, podemos perceber que as dificuldades são multifatoriais, estando ligadas a aspectos como: (i) baixo número de alunos, (ii) baixa estrutura das políticas públicas para o esporte que a região do Vale do São Francisco oferece às academias e atletas, (iii) o repasse dos princípios filosóficos, éticos e morais inerentes às artes marciais e (iv) manter a estrutura do karatê.

Desse modo, fatores sociais, econômicos e políticos acabam interferindo na dinâmica do karatê na região do Vale do São Francisco. Outrossim, com a ampliação da utilização dos recursos tecnológicos e a inserção do karatê nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2020, surgem novas possibilidades e novos desafios para o desenvolvimento da modalidade.

Ao serem questionados sobre os principais benefícios que a prática do karatê propicia, os professores responderam que existem diversos benefícios físicos, mentais e sociais. O mestre Tiago deu mais ênfase à questão mental, afirmando que o karatê desenvolve a autoconfiança e o autocontrole e que, nos dias atuais, essas habilidades são essenciais. Tomé evidencia que o karatê pode trazer benefícios, mas depende de como é praticado. Destaca que na época que praticava, aconteciam muitas lesões porque a prática do karatê era muito rígida e os antigos mestres não consideravam as dificuldades dos alunos. Isso poderia ajudar na formação do caráter e no desenvolvimento de uma autoconfiança que permitisse superar os desafios, mas poderia fazer com que os alunos tivessem lesões e desistissem do karatê.

Os estudos mostram que a prática do karatê pode desencadear benefícios aos diversos grupos de praticantes. Desse modo, o karatê apresenta benefícios físicos e psicológicos às mulheres (BABINSKI, 2018), fortalecimento muscular e prevenção de osteoporose em grupos de idosos (RODRIGUES NETO, 2011), a inclusão de pessoas com deficiência (SIBIRKIN 2018), o desenvolvimento da socialização, respeito e disciplina de crianças (LIMA; COSTA; ANDRADE, 2020).

Com reforço, embora possamos perceber os possíveis benefícios que a prática do karatê propicia, consideramos que sua prática não deve acontecer com um fim em si mesma, mas ser desenvolvida de maneira sistematizada e considerando as percepções e peculiaridades da região e dos indivíduos envolvidos nas aulas, a fim de potencializar o desenvolvimento de todos os praticantes.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo a construção de uma narrativa histórica, contada pelos(as) mestres(as), professores(as) e praticantes da arte, buscando apresentar subsídios para reflexões sobre as dinâmicas que envolveram a origem e o desenvolvimento do karatê na região do Vale do São Francisco, situada na região Nordeste do Brasil. Nesse sentido, buscou-se compreender os contextos sociais, as características e estilos de karatê, as possibilidades de sobrevivência propiciadas pelo mercado do karatê, as disputas e organizações decorrentes desse mercado e o legado deixado pelos homens e pelas mulheres que resolveram adotar o karatê como um meio de vida e princípio filosófico na região.

O fato de nas décadas de 1960 e 1970, período em que o karatê chegou à região do Vale do São Francisco, a transmissão oral ter sido o principal mecanismo de propagação dos conhecimentos, limitou os conhecimentos dos(as) praticantes da época sobre os diversos estilos de karatê. Esse fato centralizou a prática do karatê na região a partir da consolidação de determinados estilos. Desse modo, os estilos de karatê prevalentes na região são o *shotokan* e o *shorin ryu*, com maior destaque para o primeiro.

Do final da década de 1970 ao início da década de 1990, o karatê dominou o mercado das artes marciais da região. Todavia, a midiaticização das práticas esportivas, com ênfase na competição e na espetacularização, rompeu essa hegemonia, abrindo espaço para outras práticas de combate. Nesse sentido, os participantes e a participante apresentam consensos em suas falas quando destacam que as políticas públicas para a prática do karatê na região são frágeis. Alguns elementos são destacados, como: (i) poucas competições, (ii) pouco suporte para atletas que representam a região em competições esportivas maiores, (iii) alto custo para a participação de eventos (inscrição, material de luta, *kimono* e transporte) e (v) ausência de programas de capacitação profissional.

Todavia, as análises realizadas também nos permitem afirmar que os(as) professores(as) e mestres(as) de karatê da região estudada compreendem que, de um modo geral, há um mercado amplo para as lutas, inclusive para o karatê no Vale do São Francisco. Nesse sentido, no que concerne ao emprego do karatê como profissão, há distintos elementos que direcionam os(as) praticantes a essa dinâmica. Dentre eles, podemos mencionar: (i) uma imposição social pautada na vivência do(a) praticante no karatê, em que o ensino do karatê aconteceu de forma natural, a partir de sua vivência intrínseca nessa prática; (ii) ensino do karatê como fator econômico central, pautado na participação em arbitragem de eventos, cursos de defesa pessoal e aulas de karatê; (iii) complemento de renda, em que o ensino do karatê não é uma profissão central.

Dessa feita, destacamos que as dinâmicas que envolvem o desenvolvimento do karatê possuem singularidades que consideram os aspectos socioculturais, políticos e econômicos de cada região e cada grupo social, não ocorrendo de maneira linear e homogênea. Este estudo busca contribuir a partir da compreensão das dinâmicas que envolvem elementos específicos de uma determinada região brasileira.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

ALVES, Glauber Roberto Soares; FARO, Carmen Lilia da Cunha. As primeiras formas de organização do karatê-dô shotokan: história da institucionalização desta arte marcial em Belém do Pará. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade do Estado do Pará. (2012). Disponível em: https://paginas.uepa.br/ccbs/edfísica/files/2012.2/GLAUBER_ALVES.pdf. Acesso em: 27 mai. 2024.

BABINSKI, Cristiane Jéssica. **Os benefícios psicofísicos do Karate-do em mulheres**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em medicina e ciências do exercício e do esporte) - Universidade Regional Integrada do Alto do Uruguai e das Missões, Erechim, Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <http://repositorio.uricer.edu.br/handle/35974/189> Acesso em 15 jun. 2023.

BARTOLO, Paulo. **Karate-Do: história geral e do Brasil**. Realejo Livros & Edições, 2009.

BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. **O sentido do karate-do: faces históricas, psicológicas e fenomenológicas**. Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

COSTA, Paulo Ricardo Gayer Pereira. **Um olhar histórico-cultural sobre as obras escritas de Vasuyuki Sasaki: registros do karatê brasileiro entre 1987 e 1995**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229837> Acesso em: 27 mai. 2024.

FERREIRA, Heraldo Simões; LIMA, George Almeida. Karatê na escola: reflexões sobre possibilidades de ensino. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 28, n. 309, p. 80-98, 2024. <https://doi.org/10.46642/efd.v28i309.7282>

FROSI, Tiago Oviedo. **Uma história do karatê-do no Rio Grande do Sul: de arte marcial a prática esportiva**. Dissertação (Ciências do Movimento Humano). (2012) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

FROSI, Tiago Oviedo; MAZO, Janice Zarpellon. Repensando a história do karate contada no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, p. 297-312, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000200011>

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; DRIGO, Alexandre. A já regulamentada profissão de educação física e as artes marciais. **Motriz, Rio Claro**, v. 7, n. 2, p. 131-132, 2001. Disponível em: <http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/GocalvesJr.pdf> Acesso em: 15 jan. 2023.

GRUNWALD, Tiago Almir. **Adesão e permanência de praticantes de Karatê Shotokan da Askat em Lajeado e Estrela**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) - Universidade do Vale do Taquari, 2021. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/items/84ebba60-bb6d-4320-9c87-9caceea583b9> Acesso em: 21/abr/2023.

LAGE, Victor; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Karatê-do como própria vida. **Motriz. Revista de Educação Física. UNESP**, p. 33-42, 2007. <https://doi.org/10.5016/578>

LIMA, George Almeida; MAIA, Francisco Eraldo da Silva. Os impactos da arte marcial no comportamento dos seus praticantes. **Revista Interfaces: Saúde, humanas e tecnologia**, v. 9, n. 2, p. 1098-1104, 2021. <http://dx.doi.org/10.16891/2317-434X.v9.e2.a2021.pp1098-1104a>

LIMA, Eduardo Muniz; COSTA, Itallo Raphael Ribeiro; ANDRADE, Hederson Pinheiro. A influência da filosofia do Karatê em crianças de 6 a 11 anos na cidade de Trindade-GO. **Vita et Sanitas**, v. 14, n. 1, p. 13-24, 2020. Disponível em: <http://fug.edu.br/revistas/index.php/VitaetSanitas/article/view/195> Acesso em: 21/abr/2023.

NEVES, Bruno Ferrerez *et al.* Importância das técnicas do karatê no processo de socialização e motivação nas aulas de educação física do efa. **Revista Científica do Unisalesiano**, v. 1, n. 2, 2009.

PATAI, Daphne. **História oral, feminismo e política**. Letra e Voz, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278> Acesso em: 15 out. 2023.

RATTI, Oscar; WESTBROOK, Adele. Segredos dos samurais: as artes marciais do Japão feudal. **São Paulo: Madras**, 2006.

RODRIGUES NETO, Venceslau. Os benefícios da prática do karatê na vida dos idosos. **Educação Física em Revista**, v. 5, n. 1, 2011. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/1987> Acesso em: 21 mai. 2023.

SIBIRKIN, Eder. O karate e a inclusão da pessoa com deficiência: um olhar sobre a literatura. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 19, n. 2, 2018. <https://doi.org/10.36311/2674-8681.2018.v19n2.06>. p141

STEVENS, John. **Três mestres do Budô**: Kano, Funakoshi, Ueshiba. 2005.